

## ***Fake news: O Combate ao Conteúdo Não Basta***

**Teixeira Coelho<sup>1</sup>**

Um modo cultural, como a eCultura, não provoca, em si e apenas por si, os efeitos a eles associados de modo direto. A ruptura seca e incisiva entre modos culturais anteriores e atuais é ilusão de ótica: a continuidade entre eles, a permeabilidade entre eles é a regra; variável é a velocidade de uns e outros, a responder pela intensidade da mudança. Modos culturais avançam uns sobre os outros sincrônica e diacronicamente, mesclam-se, filtram-se num processo continuado. É assim com o processo das *fake news* nas mídias ditas “sociais”.

As fake news são, hoje, parte do estilo de vida definido pelos meios digitais. A mentira, a ignorância, a deformação, a maledicência são constantes humanas. O que as tornam estruturas ainda mais fortes da vida coletiva é o acesso sempre mais rápido a um meio de difusão veloz e de fácil acesso, como agora. Essa velocidade, crescente, desbasta e anula com igual rapidez dois inibidores sociais das fakes news: o pudor e a vergonha. Mais ainda em culturas que, por norma, já os praticam pouco... A velocidade de difusão e de substituição de umas fake news por outras mais recentes, mesmo deixando marcas sérias no conjunto social, leva a que sobrevivam pouco tempo no mundo subjetivo do produtor e do transmissor das fakes: sem tempo mínimo para sedimentarem-se no domínio psicológico interior, os anticorpos do pudor e da vergonha, privados e públicos (estes ainda mais fracos nas culturas que já os têm escassos) são eliminados com rapidez.

Como estilo de vida, as fake news deveriam formatar-se segundo duas dimensões (até agora) estruturais da vida humana e natural: os momentos fortes e os momentos fracos, outra maneira de dizer *ritmo*. Ritmo é a marcação do tempo – interior e subjetivo, exterior e objetivado. Sob a figura do ritmo, os conteúdos da vida e do mundo emergem, duram e se retiram — e sobra-nos saber em que medida as diferentes eras e modos civilizacionais (o da mensagem imprensa, o da imagem em movimento, o da eCultura) favorecem ou corroem essa ritmicidade e o que dela resultava. Enquanto o

---

<sup>1</sup> Professor emérito da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP e coordenador do Grupo de Estudos Humanidades Computacionais do IEA-USP.

ser humano for um ser da natureza, esfera que já começou a abandonar, esse ritmo lhe é necessário em sua condição de inato. Exemplos de ritmo como marcadores da vida são miríade: nesta noite em que escrevo, a lua está em um dos pontos mais próximos da Terra em seu movimento de revolução e, pela força da gravidade, a maré sobe mais e a navegação e a pesca amoldam-se. O dia e a noite são outros formadores de ritmo, rompido na modernidade pela luz artificial, como o são as estações do ano, cada vez menos nítidas. E tantos e tantos, vários menos visíveis, mas igualmente poderosos (pelo menos eram, no passado).

Saindo da natureza para o terreno abstrato da informação: até meados dos 80, quando o computador aos poucos aparecia em alguns lares, o ritmo da informação (ou, em todo caso, da mensagem) era bem marcado. Ouvia-se o Repórter Esso a horas certas do dia; quando chegou à TV, entrou no horário preferencial, o horário nobre das 20 horas. Depois, o Jornal Nacional da Globo, para ficar nesse exemplo, ocupou o mesmo espaço e tempo. Ouviam-se ou liam-se as notícias uma vez por dia – e o resto do tempo era para o comentário com os amigos, a análise e a conclusão. A aceleração do tempo levou as empresas jornalísticas a multiplicar seus produtos em frequências sempre mais curtas – e surgiram a Folha da Manhã, Folha da Tarde e Folha da Noite, duas delas depois falecidas. Em seguida, com a segmentação acelerada dos “meios de informação”, surgiram os canais pagos de jornalismo 24 horas por dia e os ritmos encurtaram-se ainda mais (mesmo se as notícias se repetam ao longo do dia). O surgimento das mídias “sociais” na forma do email, Facebook, WhatsApp e Twitter exasperou o tecido nervoso coletivo e individual e em ambos provoca uma pane de significado menos ou mais duradoura – tanto mais quanto a capacidade de recepção e apreensão de mensagens por parte das pessoas (mensagens que podem ou não ser informação, i.e., alterar o comportamento) é bem limitada ao longo de períodos determinados, bem menor do que se imagina.

Resumo da ópera: antes, entre uma mensagem e outra podia mediar um dia, meio dia, algumas horas. Agora, esse arco de recepção reduz-se a poucos segundos. Os tempos fracos – de silêncio, inércia, reflexão, consulta – desaparecem, substituídos por uma sequência de tempos fortes sempre no pico da frequência possível. Agora, *supondo* que o receptor da “informação” tenha condições subjetivas de avaliar o que recebe, ele tem de fazê-lo na instantaneidade, no intervalo disponível antes de apertar o botão do *forward* que lhe permite sentir-se parte da “comunidade”. Seu critério e análise (ou “análise”) é, agora, apenas sua emoção na duração do presente, seu desejo de ver-se confirmado *no ato* em suas crenças preexistentes.

Nesse cenário, o combate às *fake news* dependeria, em última instância, não tanto e não do fornecimento do contraconteúdo, como do racionamento do fluxo, da vazão da “informação”, da redução de sua velocidade de produção e distribuição (isto é, da instauração da *vida lenta*) que restauraria o ritmo anterior de consumo de informação e daria tempo de internalização do que se recebe – caso contrário, verifica-se o mesmo processo de corrosão do entendimento. Não se vê com

facilidade como isso poderia acontecer nas democracias ocidentais pós-revoluções americana e francesa. Essa redução poderia dar-se de cima para baixo com mecanismos autoritários de supressão das mensagens, como já se faz em países como a China e como Facebook e Twitter e YouTube já fazem com as mensagens que julgam inconvenientes. Reduzir o fluxo em volume e velocidade seria um recurso antifakes, *supondo sempre* que os receptores da mensagem tenham condição subjetiva constante e estável para avaliar o que recebem (dependente da educação), hipótese cada vez menos provável. Formatar e espalhar a mentira é fácil e barato, propor verdades ou “verdades” é caro e demanda um tempo que o atual estilo de vida repele. Alguns serviços jornalísticos fazem intenso esforço para verificar e denunciar, em tempo real, as fakes expelidas pelos tantos presidentes de repúblicas e primeiros-ministros visceralmente mentirosos que hoje infestam o mundo. Mas não têm como fazer o mesmo com os milhões e bilhões de fakes correndo soltos pela eCultura. Um aplicativo com um software equivalente ao do Watson, da IBM – projetado para responder às perguntas do programa de TV *Jeopardy* – passível de ser descarregado em cada celular, poderia ajudar a resolver? Talvez. Mesmo ele estaria deturpando o ritmo de recepção e reflexão da mensagem (talvez informação), mesmo ele aboliria os tempos fracos e reforçaria a corrente dos zumbis da informação. Como o ser humano desliga-se sempre mais da natureza e de seus ritmos, pode ser que se separe também dos ritmos culturais gerados pela primeira fase da modernidade no século 19 e, depois, pelo segundo tempo moderno do século 20 e defina, para si mesmo, periodicidades que lhe devolvam o tempo de reflexão de que se aproveitou Newton durante a quarentena que lhe impôs a Grande Praga do século 17 e lhe permitiu pensar o fenômeno da gravidade. Até lá, o combate atual às fake news, baseado em opor conteúdo a conteúdo, ou em bloquear autoritariamente os conteúdos indesejáveis, sem atentar para o valor da forma, tende à quimera. Talvez seja isso que Roland Barthes quis dizer quando notou que não se combate uma bandeira com outra, um símbolo com outro.



Regina Silveira, *Quimera*; instalação, 1995.